

Agenda dum maduro

(Lendo os jornais)

O sr. dr. Luis Lopes da Fonseca, antigo ministro, efectuou no Colégio Vasco da Gama, para os alunos, uma conferência que versou o tema: «Como se faz um homem».

Tema muito delicado, com passagens escabrosas. Pena foi, assim tratado, que não fôsse acompanhado por projecções luminosas.

Dos assuntos peregrinos, é este o menos incerto, de comentários mais finos. Mas diante de meninos, com franqueza, não 'stá certo!

Ontem, Segunda-feira 22 do corrente, às 4 horas da tarde precisas, subia a rua dos Clérigos o eléctrico 20, levando a tabuleta «Constituição» de pernas para o ar.

A Constituição voltada para o ar?... O camarada é de-certo analfabeto. Ou, se o não é, foi piada ao amigo Rolão Preto...

Quasi todas as linhas férreas do país deram, no ano que passou, saldo negativo, sendo maior a despesa que a receita.

Não obstante, um jornalista de coturno e de alta crista esfalfa, em Lisboa, a Voz e o gesto, a pedir mais linhas, umas das outras vizinhas, em doida metamorfose.

Não lho levemos a mal, que ele bem sabe, afinal, as linhas com que se cose...

Hernani.

Carta aberta

Muito prezado Eletê:
Agradeço o seu Folar,
Dum homem como você,
Tem um valor singular.

Suas gratas referências,
Elogios que não mereço,
São amáveis deferências,
Que registo com apreço.

O que disse a seu respeito,
Pelo coração ditado,
Não passa de um justo preito
Ao seu valor consagrado.

Aceito com alvoroço
A protecção que promete,
Pois você é um colosso
Nas letras. Vale por sete.

E eu, para recompensar
A sua extrema bondade,
Só lhe posso dispensar
Leal e franca amizade.

BISNAU.

As conseqüências das manobras hitlerianas

UMA GRANDE FORNADA DE JUDEUS INVADE O PORTO

Há dias, recebemos de Berlim o seguinte telegrama:

Enorme porção de israelitas expulsos da Alemanha resolveu fixar-se em Portugal. Partiram em comboio especial, devendo entrar no país pela Barca de Alva.

Dias depois, outro, da fronteira:

Passaram judeus alemães direitos ao Porto, onde resolveram fixar residência. Durante os três quartos de hora que se demoraram aqui, fizeram grande negócio, comprando todas as laranjas à venda na estação, comendo-as, e vendendo as cascas uns aos outros.

Em face de tão sensacional notícia, pusemos em campo o nosso repórter, que se deu a calcurriar a cidade, em busca dos intrusos. Nada conseguiu. Ocorreu-lhe, felizmente, procurar o Dr. Rodrigues de Carvalho, que é católico puro, sem outra mistura que não seja a de apostólico, e mais romano que o próprio Mussolini. Esse havia de saber, visto que semelhante invasão

de semitas era altamente prejudicial para a Igreja, e já a Associação Católica devia ter soltado a sua polícia, para farejar e inquirir.

Sua excelência recebeu-nos cordialmente, absolutamente sem cerimónia, muito familiar... do Santo Ofício. E logo, à nossa primeira pergunta, desfechou:

— O' senhor! E' facilímo dar com eles. Como sabe, os judeus, onde quer que se encontrem, não podem passar sem um muro, junto do qual procedam às suas lamentações rituais. E' aí que devem ser procurados.

— Nesse caso, vou lá abaixo, ao muro dos Bacalhoeiros. Ele abanou a cabeça.

— Não? Então no muro das Virtudes?

— Pior! Os judeus fogem das virtudes como o diabo da cruz.

— Terei de ir, visto isso, a S. Cristóvão de Muro?

— Frio... frio... — disse o ilustre clínico sorrindo. — Não é preciso ir tão longe, meu amigo. Tem-os muito mais perto, em pleno centro da cidade. Pro-

cure-os a partir das duas da tarde no muro das Cardosas.

Eram precisamente 15 horas. Abalamos, depois de termos beijado, em sinal de reconhecimento, as camândulas que lhe pendiam do pescoço.

No Aquário que de antes era dos imbecis e agora pertence aos que teem lume no ôlho.

Uma grande fila de cavalheiros entre a Casa Sousa Cruz e a Papelaria Central.

Conversam animadamente. Serão eles? Falam português, mas com um certo sotaque. Germânico? Não nos parece. Dá ares, antes, à elocução modulada, cantante, da América do Sul.

Em todo o caso, como falam de negócios e de câmbios, devem ser eles. Vejamos.

Diz um:

— O' meus amigos! Neste mundo, tudo é relâtivo.

Cá está o Einstein!

— E' relâtivo, é — obtempera outro

— mas eu é que fiquei sem o meu dinheiro!

— Nós todos! Nós todos! — bradam em conjunto.

E começam as lamentações. Porque, segundo depreendemos dos seus queixumes, todos eles eram ricos e se vêem agora em atribulações para poderem sustentar as amantes e jogar o solo na Cordoaria.

Amantes?... Solo?... Serão eles, de facto? Avançamos, e metemos também o nosso bedelho:

— Os senhores teem muita razão. Aquele maldito Hitler!...

E logo uns três ou quatro:

— Qual Hitler nem qual cabáça! Quem nos pôs na Pindaíba foi seu Getúlio!

Còramos até ao mais profundo das mucosas. Eram portadores de títulos brasileiros. Uma coisa que vale quasi tanto como os títulos portugueses concedidos pelo sr. D. Duarte Nuno.

Razão de fôrça

O doutor Garcês Leal
Director,
Coisas e tal,
Inspector
Prisional,
E até Governador
Da Cadeia Nacional,
Foi um dia visitar
Uma das suas prisões
Onde cem bons malandrões
Ali 'stavam a penar
Os crimes, patifarias,
Malandrises,
Mentiras ou vigarices,
Vadiices,
Enganos de rapariga,
Madracices,
Enfim, essas porcarias
Que a lei condena e castiga.

Numa cela, a cumprir pena,
Catando bichos dos grandes
Da sua porca melena,
Estava o Zeca Fernandes,
Gatuno de alto cadastro,
Estrêla no trabalhinho,
Um artista, um sábio, um astro,
Mas com cara de sonsinho.

E quando o doutor Garcês,
A' sua cela chegou
E como bom português
Lhe perguntou:
Logo ali:
— Diz-me cá, ó desgraçado,
O' meu pobre encarcerado,
Porque te encontras aqui?

O preso, muito inocente,
Vindo-lhe ao rosto o rubor,
Disse com tôda a candura,
D'um fôlego só, num repente:
— Encontro-me aqui, senhor,
Porque estas frias paredes
Que a tapar o quarto vêdes,
Teem metros de espessura.

Dr. Knox.

Cartas... Curtas

II

MARIA RITA adorada,
Atenda se faz favor,
Eu bem sei que isto é maçada,
Mas eu também sou leitor.

Ando muito desolado
Com este novo concurso,
Pois não me desperta nada...
Estou pior que um urso!...

O jôgo do Pim-Pam-Pum
Era bem mais interessante,
Os «mirones» um a um,
Eu tombava num instante.

E depois à «Praça Nova»
Na vitrine eu ia ver,
Quanto mandei para a cova
Quanto faltavam morrer.

Era um jôgo divertido,
Que causava sensação,
Trazia o povo entretido
E fazia um figurão.

MARIA RITA adorada
Desculpe se faz favor,
Desculpe tanta maçada
Deste fraco glosador.

Que depois das contas feitas
Se chama...

Delfim de Freitas*

N. da R. — O que diz o nosso amigo
sobre esse jôgo em questão,
será tomado sem perigo
em grande consideração.

